

texto **Emanuel Pereira**
fotografia **Emanuel Pereira e Pedro Ramos**

Futebol feminino

Jovens afegãs encontraram na Académica/SF um mundo mais feliz

“Sinto-me feliz quando jogo”. Devia ser este o principal motivo de qualquer jovem praticante de um desporto, mas, em muitos casos, há crianças e jovens que não podem praticar qualquer tipo de modalidade. A fra-

se é de Momina, de 13 anos, que deixou o Afeganistão e encontrou em Portugal, na cidade de Coimbra, e na Secção de Futebol da Académica (AAC/SF) uma nova casa que lhe permite ter alegrias que no seu país natal estavam proibidas pelo regime talibã.

Com um sorriso contagiante, que oculta a dureza que deixou para trás em Cabul, Momina, é, no relvado do Estádio Universitário de Coimbra ou no

Campo Santa Cruz, uma criança igual a qualquer outra. “Quando jogo futebol consigo estar relaxada e consigo esquecer tudo o que é difícil na nossa vida”, contou ao DIÁRIO AS BEIRAS.

As dificuldades, naturais, com a língua portuguesa contrastam com a facilidade do diálogo em inglês e só há algo que Momina aprecia mais do que futebol. “O que mais gosto cá é de conseguir estudar numa escola. Quando vamos à escola encontramos os nossos amigos e conseguimos ser felizes”, assume sem qualquer problema a jovem que vai jogar na equipa sub-13 da AAC/SF.

Depois de deixar para trás o Afeganistão, Momina chegou com a família a Portugal há um ano e está “há cerca de oito meses em Coimbra”.

O nervosismo habitual de quem, pela primeira vez,

dá uma entrevista, diverge da naturalidade com que a jovem fala da dura realidade vivida no Afeganistão. “Sou muito feliz em Portugal. As raparigas que estão no Afeganistão não conseguem ter uma boa situação. Elas são muito talentosas, mas a situação é tão difícil para elas que não conseguem ir à escola”, lamentou, tendo deixado um desabafo: “Desejo que esse cenário (não ser permitido às raparigas estudar) mude e que elas, no futuro, possam ir à escola”.

A motivação de Sadaf

Também inserida no grupo liderado pelo treinador Jorge Gonçalves está Sadaf, jovem de 16 anos, que encontrou na Lusa-Atenas e na AAC/SF novas pontes para conseguir cruzar um caminho mais livre e harmonioso. “Quando estou a jogar não sinto nada, nenhuma tristeza. Sinto-me

livre. Neste momento, o futebol é algo que é essencial na minha vida”, contou.

No Afeganistão “não haviam sequer equipamentos para uma rapariga” e as mulheres estão proibidas de jogar pelos talibã. Sadaf não quer ser atleta profissional mas pratica futebol para se sentir motivada. “Não jogo para ser uma jogadora profissional, jogo porque me faz sentir ativa e motivada para viver”, assegurou.

“Quando jogo sinto-me feliz”

Momina e Sadaf são irmãs e, para além do apelido, Rezai, têm no futebol e na escola duas paixões comuns. “O futebol é uma das minhas paixões. Quando jogo sinto-me feliz e livre. Isso só acontece no futebol e na escola”, assumiu Sadaf, num sentimento também partilhado pela irmã mais nova, Momina.

Grupo tem quatro jovens afegãs

Nazira e Tamana: trabalho e carta de condução

Nos dois momentos de reportagem, Nazira e Tamana, por diferentes motivos, não conseguiram estar presentes nos treinos. Nazira, de 22 anos, estava a trabalhar (foi escalada para fazer os turnos da noite). Já Tamana, de 18 anos, não compareceu no primeiro aponto, no Estádio Universitário de Coimbra,



Nazira



Tamana

Fotos Associação Académica de Coimbra - Secção de Futebol

A Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra (AAC/SF) abriu as portas a Nazira, Tamana, Sadaf e Momina, quatro jovens refugiadas afegãs. Depois de fugirem do seu país, que foi tomado pelo regime talibã, o futebol é o principal “motor” para a integração em Coimbra, proporcionando sorrisos que estavam ausentes há muitos meses

porque estava a fazer exames médicos. No segundo treino, que teve como “palco” o Campo Santa Cruz, Tamana estava a ter uma aula de condução e também não conseguiu marcar presença.

As duas jovens estavam, de forma natural, a participar em atividades que são proibidas às mulheres no Afeganistão. **E.P.**



às Momina e Sadaf encontraram em Coimbra e na AAC/SF uma nova família

Sadaf, que já dá alguns “toques” no português, teve rasgados elogios à realidade que encontrou no país e na cidade. “Gosto das pessoas, da cultura, da liberdade de expressão. Aqui as pessoas não se preocupam de onde é que tu és. Ligam-se a ti, ajudam-te e preocupam-se. O respeito de forma natural, todos os dias, é incrível”, disse. Agora, as duas irmãs partilham os relvados em Coimbra e, embora Sadaf vá integrar, juntamente com Nazira e Tamana, a equipa sénior feminina da AAC/SF (Momina jogará na equipa Sub-13), as quatro procuram, acima de tudo, viver sem medo. No horizonte fica a esperança de um regresso à capital afegã.

“Tenho o sonho de voltar e desejo que nesse dia a situação no país esteja melhor”, revelou Momina. “Quero voltar mais forte e espero que o meu país tenha orgulho em mim”, referiu também Sadaf. A jovem ativista paquistanesa, Malala Yousafzai, Prémio Nobel da Paz em 2014, referiu um dia que só “com educação é possível matar o terrorismo”. Curiosamente, no idioma pachto, “talibã” significa “estudante”. Talvez, um dia, a educação que estas quatro estudantes estão a adquirir em Coimbra faça a diferença, num país preso, por estes dias, nas “amarras” de leis fundamentalistas e no regime nacionalista islâmico dos talibã.

Treinador “Creio que criámos aqui uma segunda família para elas”

●●● Jorge Gonçalves lidera a equipa sénior feminina da AAC/SF, conjunto que na nova temporada vai competir na 3.ª Divisão Nacional. No início da época, o treinador acolheu na sua equipa as quatro jovens afegãs. Ao DIÁRIO AS BEIRAS, Jorge Gonçalves contou como foi o processo de integração de Nazira, Tamana, Sadaf e Momina nas sessões de trabalho.

“Elas vêm de uma realidade e de um contexto muito doloroso. Nós tivemos conhecimento que algumas delas tinham praticado desporto e convidámo-las a virem conviver connosco, porque era importante. Falámos e a AAC em boa hora, como sempre, abriu-lhes as portas”, realçou.

Apenas “duas tinham tido contacto com a bola”, mas isso não foi problema. “Isto é como quem vai para a escola, elas começaram a assimilar conteúdos e a aprender”, recordou, assumindo de forma direta que é “extremamente gratificante” conseguir acolher as quatro jovens e dar-lhes a possibilidade de jogarem futebol. Para o técnico, o mais importante é “a felicidade das jovens a jogar à bola”.

Numa equipa com “um grande espírito académico”, o grupo não gerou qualquer tipo de obstáculo à integração. “Creio que criámos aqui uma segunda família para elas. Há o respeito, a solidariedade e a noção de que há vários caminhos para chegar à paz e à harmonia”, frisou Jorge Gonçalves.

Em todo o processo, há uma nuance que o treinador ressalva: “Tivemos sempre o cuidado de as inserir, de promover uma



Jorge Gonçalves e Momina durante um treino no Estádio Universitário de Coimbra

integração plena e o aspeto mais gratificante foi a tolerância”, enalteceu.



AAC/SF acolheu Nazira, Tamana, Sadaf e Momina, quatro jovens refugiadas afegãs

- 1 Jovens estão em Coimbra há cerca de oito meses
- 2 AAC/SF permite que as jovens sejam felizes a jogar futebol numa equipa em que a integração foi plena
- 3 Nazira (22 anos), Tamana (18 anos) e Sadaf (16 anos) vão jogar na equipa sénior feminina e Momina (13 anos) vai estar ao serviço da formação sub-13

Emoção e valorização
À frente de uma formação que tem cerca de 30 jovens jogadoras de várias nacionalidades, Jorge Gonçalves considera que a AAC/SF forma “um grande grupo” com as quatro afegãs que “vieram complementar” a equipa.

“É algo que me emociona bastante. Elas vieram valorizar-nos como seres humanos, à dimensão de valorizarmos muitas coisas que, habitualmente, desvalorizamos, que é o termos direito à cidadania plena e à equidade”, assumiu.

As quatro refugiadas acolhidas em Coimbra e na AAC/SF “são miúdas fantásticas que têm uma disponibilidade única para aprender connosco, sem se destituírem daquilo que são os seus valores”, ressal-

vou, assumindo que, neste momento, todas “estão inseridas” na formação que lidera.

Nazira, Tamana, Sadaf e Momina vieram criar um “espaço de tolerância”, “algo que nos obrigou a ser mais comunicativos, participativos e a partilhar ainda mais”, confidenciou o treinador que deixou também uma certeza: “essa foi a maior vitória que eu tive como treinador de futebol”.

As quatro jogadoras já estão inscritas na Federação Portuguesa de Futebol e podem, para além de treinar, ser utilizadas em partidas oficiais da AAC/SF. “A Académica fez história, mais uma vez, porque inscreveu quatro meninas afegãs”, ressalvou. A equipa “cresceu” com a presença das quatro novas atletas e as quatro jovens são, por estes dias, mais felizes na família criada pela Académica/SF.

AAC/SF Presidente realça que o mais importante é “a felicidade” das jogadoras

●●● Proporcionar um panorama mais feliz do que aquele que deixaram para trás em Cabul foi o principal objetivo da direção da AAC/SF com o acolhimento das quatro jovens afegãs.

É o principal daquilo que nós queremos. Queremos que elas sejam felizes, também, a jogar futebol, mas também em Portugal e em Coimbra. A Académica é e deve ser isso, um espaço que procura que quem pratica futebol aqui tenha, veja e perspetive este es-

paço como um espaço de felicidade”, garantiu o presidente da direção da AAC/SF, Filipe Preces.

Num “espaço de convívio e de solidariedade por natureza”, a AAC/SF tenta “cultivar valores como a integração, o trabalho em equipa ou o respeito pelas diferenças culturais”, procurando “fazer uma síntese entre os valores dominantes da sociedade que elas vêm integrar e aqueles que elas trouxeram do Afeganistão”, ressalvou Filipe Preces.



Filipe Preces é o presidente da AAC/SF

Esta já não é a primeira vez que a AAC/SF recebe refugiados que encontram no futebol um motivo para a sorrir. “Já temos um longo historial de acolhimento de refugiados. Tivemos refugiados do Sudão e teremos espaço para todos aqueles que nos procurarem, essa é a principal mensagem que quero transmitir”, assegurou.

A equipa criou uma nova família para Nazira, Tamana, Sadaf e Momina. “É uma segunda família que, neste caso, muitas vezes

se assume como primeira, porque por força do desenraizamento das miúdas, nós temos que funcionar, um bocado, como uma estrutura de acolhimento familiar e, portanto, temos essa obrigação”, enalteceu o presidente da AAC/SF.

Esta é uma “obrigação que assumimos de bom grado, plenos de vontade, mas com a convicção de que é uma tarefa nada fácil, mas que nos propomos realizar com uma perspetiva de sucesso”, confidenciou.